

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA**

MARINA GOMES SCHÖNARDIE

**“COMO NUNCA TEVE NINGUÉM COM PACIÊNCIA PRA ENSINAR...”: A relação
das mulheres com o conteúdo Futebol/Futsal nas aulas de Educação Física**

PORTO ALEGRE

2021

MARINA GOMES SCHÖNARDIE

**“COMO NUNCA TEVE NINGUÉM COM PACIÊNCIA PRA ENSINAR...”: A relação
das mulheres com o conteúdo Futebol/Futsal nas aulas de Educação Física**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à comissão de graduação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. André Luiz dos Santos Silva

Artigo produzido de acordo com as regras do periódico Motrivivência - Revista de Educação Física, Esporte e Lazer - LaboMídia UFSC

PORTO ALEGRE

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Schönardie, Marina Gomes

"Como nunca teve ninguém com paciência pra ensinar...": A relação das mulheres com o conteúdo Futebol/Futsal nas aulas de Educação Física / Marina Gomes Schönardie. -- 2021.

19 f.

Orientador: André Luiz dos Santos Silva.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Licenciatura em Educação Física, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Educação Física. 2. Futebol. 3. Mulheres. I. Silva, André Luiz dos Santos, orient. II. Título.

MARINA GOMES SCHÖNARDIE

**“COMO NUNCA TEVE NINGUÉM COM PACIÊNCIA PRA ENSINAR...”: A relação
das mulheres com o conteúdo Futebol/Futsal nas aulas de Educação Física**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à comissão de graduação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. André Luiz dos Santos Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Doutora Pamela Siqueira Joras
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

“Como nunca teve ninguém com paciência pra ensinar...”: A relação das mulheres com o conteúdo Futebol/Futsal nas aulas de Educação Física

Marina Gomes Schönardie

André Luiz dos Santos Silva

RESUMO

Para muitas mulheres o Futebol não se constituiu como prática corporal integrante de suas dinâmicas de vida. Apesar de conhecerem a modalidade, dada sua importância na cultura brasileira, é comum encontrar mulheres que sequer compreendem a dinâmica do jogo. O foco deste artigo centra-se nas experiências vividas por essas mulheres com as aulas de Futebol na Educação Física. Especificamente, busca compreender como essas mulheres se relacionavam com o Futebol nas aulas de Educação Física escolar. A partir do aporte teórico/metodológico da História Oral foram feitas entrevistas com dezoito mulheres adultas que tiveram contato com a modalidade na escola, mas não possuem ligação com a modalidade atualmente. Concluiu-se que a falta de incentivo dos professores juntamente com a resistência por parte dos meninos faz com que a lacuna de conhecimento do Futebol entre as meninas, que era pra ser diminuída nas aulas, se mantenha.

PALAVRAS-CHAVE: Educação física; Futebol; Mulheres

“Since there has never been anyone with the patience to teach...”: The relationship of women with the Football/Futsal content in Physical Education classes

ABSTRACT

For many women, Soccer was not constituted as a bodily practice that was part of their life dynamics. Despite knowing the sport, given its importance in Brazilian culture, it is common to find women who do not even understand the dynamics of the game. The focus of this article is centered on the experiences lived by these women with Soccer classes in Physical Education. Specifically, it seeks to understand how these women related to Soccer in Physical Education classes at school. Based on the theoretical/methodological contribution of Oral History, interviews were conducted with eighteen adult women who had contact with the modality at school, but have no connection with the modality currently. It was concluded that the lack of encouragement from teachers, together with resistance from the boys, makes the gap in the knowledge of Soccer among girls, which was supposed to be reduced in classes, to remain.

KEYWORDS: Physical education; Soccer; Woman

“Ya que nunca hubo nadie con paciencia para enseñar...”: La relación de las mujeres con los contenidos de Fútbol/Fútbol Sala en las clases de Educación Física

RESUMEN

Para muchas mujeres, el fútbol no se constituyó como una práctica corporal que formara parte de la dinámica de su vida. A pesar de conocer el deporte, dada su importancia en la cultura brasileña, es común encontrar mujeres que ni siquiera entienden la dinámica del juego. El

enfoque de este artículo se centra en las experiencias vividas por estas mujeres con las clases de Fútbol en Educación Física. Específicamente, se busca comprender cómo estas mujeres se relacionaron con el fútbol en las clases de Educación Física en la escuela. Con base en el aporte teórico/metodológico de la Historia Oral, se realizaron entrevistas a dieciocho mujeres adultas que tuvieron contacto con la modalidad en la escuela, pero que no tienen relación con la modalidad actualmente. Se concluyó que la falta de estímulo por parte de los profesores, junto con la resistencia de los chicos, hace que se mantenga la brecha en el conocimiento del fútbol entre las chicas, que se suponía iba a reducirse en las clases.

PALABRAS-CLAVE: Educación física; Fútbol; Mujeres

INTRODUÇÃO

Entre tantos esportes, o Futebol se apresenta como o fenômeno esportivo/cultural mais popular no Brasil, envolvendo valores morais, culturais, sociais, econômicos, políticos e ideológicos. Tornou-se um patrimônio da humanidade e pode ser compreendido como um fenômeno plural e complexo, pois cada vez ganha mais adeptos e se manifesta em diferentes cenários (Aline VIANA; Helena ALTMANN, 2015)¹. Apesar de ser um espaço inicialmente muito ocupado por homens, as mulheres vêm cada dia tendo mais espaço no mundo do Futebol, assumindo importantes cargos dentro de clubes e federações, na arbitragem, na mídia esportiva e dentro de campo. Como exemplo disso, podemos citar, que em 2020, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) apresentou Duda Luizelli e Aline Pellegrino respectivamente como coordenadora das Seleções Brasileiras e Coordenadora de Competições Femininas. Além disso, temos presenciado o aumento de campeonatos voltados ao Futebol de mulheres em nível profissional, amador e categorias de base.

Mesmo as mulheres brasileiras tendo praticado Futebol no início do século XX, é visível que essa participação foi menor do que a dos homens, principalmente, devido aos decretos oficiais que proibiam os clubes a investirem em políticas de inclusão das mulheres no esporte (Silvana GOELLNER, 2005).

É importante destacar que em diferentes espaços e tempos as mulheres pensaram estratégias para viver o Futebol e através dele exercer o direito de falar em seu nome e em nome de outras que, por inúmeros motivos, não o fizeram (GOELLNER, 2021). A busca pela igualdade de gênero e pelo espaço das mulheres dentro do esporte é constante. Uma importante forma de aumentar a visibilidade e a participação de meninas na modalidade é apresentá-la desde cedo a elas na escola, pois muito mais que aspectos técnicos e táticos, o Futebol pode colocar em pauta diferentes temas, dentre os quais, o racismo, a homofobia e as relações de gênero, evitando episódios de preconceito e discriminação (Simone FERNANDES; ALTMANN, 2020).

Para muitas mulheres o Futebol não se constituiu como prática corporal integrante de suas dinâmicas de vida. Apesar de conhecerem a modalidade, dada sua importância na cultura brasileira, não é incomum encontrar mulheres que sequer compreendem a dinâmica do jogo. Assim, o foco deste artigo centra-se nas experiências de meninas nas aulas de Futebol da escola, buscando compreender como se relacionavam com o Futebol/Futsal nas aulas de Educação Física.

¹ Neste texto elege-se por utilizar nome e sobrenome dos autores e autoras citados com o objetivo de evidenciar a produção acadêmico-científica de mulheres (Dagmar MEYER; André DOS SANTOS SILVA, 2020).

- Declaro que não existem conflitos de interesse no presente artigo.

GÊNERO, FUTEBOL/FUTSAL E AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Gênero é considerado uma forma primária de exercer poder em nossa sociedade (Joan SCOTT, 1995). Podemos perceber isso quando, nas aulas de Educação Física escolar, fica visível que acontece uma certa dominação exercida por parte dos meninos nas aulas e espaços destinados à prática de esportes, incluindo o Futebol. O fato das meninas demonstrarem certo desejo pela prática de Futebol durante as aulas traz, implicitamente, uma disputa de poder, pois, na maioria das vezes, a quadra é um símbolo de domínio masculino expresso, também, pela prática do Futebol e a reivindicação das meninas pela inclusão da modalidade em suas aulas pode ser vista como um ato de resistência à dominação ou, até mesmo, como uma contra-dominação frente a hegemonia masculina (Osmar DE SOUZA JUNIOR; Suraya DARIDO, 2002).

Gênero implica considerar que as instituições sociais, as normas, os símbolos, as leis, os conhecimentos e as políticas de uma sociedade são atravessadas e construídas através de representações e pressupostos de feminino e masculino, da mesma forma que estão implicadas com sua produção, ressignificação ou manutenção. Ou seja, não se pensa de forma isolada aquilo que mulheres e homens fazem ou podem fazer ou então, os processos educativos pelos quais os seres humanos se constituem como mulheres ou homens e enfoca-se na necessidade de entender esses processos e aspectos, articulando-os às diferentes maneiras pelos quais o gênero opera estruturando esse social que os torna necessários e possíveis (Dagmar MEYER, 2004).

Quando se propõe debater a produção de diferenças e de desigualdades de gênero, deve-se fazer uma análise de processos sociais mais amplos que discriminam os sujeitos como diferentes, sendo em função de seu sexo e/ou corpo, em articulações de gênero com raça, classe social, sexualidade, aparência física, etc (MEYER, 2004).

Discutir as relações de gênero e os espaços conquistados pelas mulheres é um grande desafio, pois ainda existem muitas barreiras, preconceitos, opressão e discriminação que dificultam a real liberdade das mulheres (Cássia FURLAN; Patrícia DOS SANTOS, 2008). Portanto, é muito importante reverter esse quadro de exclusão que, infelizmente, ainda está presente na sociedade em que vivemos.

A cultura produz práticas generificadoras e generificadas, como o Futebol, por exemplo (GOELLNER, 2021). O processo de inserção da mulher no universo esportivo tem sido muito conturbado, sendo marcado por barreiras e dificuldades, algumas delas já foram vencidas, mas ainda existem muito a ser superado (FURLAN; DOS SANTOS, 2008).

No caso do Futebol, discursos preconceituosos e estereotipados são alguns dos principais empecilhos para a expansão da prática por mulheres. Argumentos de caráter biológico, cultural e psicológico foram muito utilizados para manter as mulheres longe da modalidade. A exemplo disso, nas aulas de Educação Física escolar, enquanto os meninos têm o Futebol como conteúdo e prática principal, muitas vezes, às meninas eram oferecidos apenas brincadeiras e outras modalidades, como o basquete, o handebol e o vôlei, por exemplo, deixando o Futebol de lado, o que acaba, por muitas vezes, limitando o contato das meninas com a modalidade (DE SOUZA JUNIOR; DARIDO, 2002).

Quando as mulheres são protagonistas de modalidades taxadas culturalmente como masculinas geram questionamentos, manifestações, preconceitos e discriminações (VIANA, 2008). Infelizmente, ainda é comum ouvirmos em nossos ciclos de amizade, familiares, nas redes sociais e, até mesmo na mídia, comentários machistas e preconceituosos diminuindo as mulheres, sejam elas atletas, árbitras ou comentaristas esportivas. Esses comentários podem vir a causar barreiras nas próprias meninas, desestimulando-as a praticarem algumas modalidades, como o Futebol, por exemplo.

O sexismo pode causar barreiras na prática do Futsal feminino escolar, através de diversas direções. Podendo elas virem das próprias famílias que, por vezes, acaba refletindo nas alunas dentro da escola, pode estar presente na escola propriamente dita, assim como, é capaz de encontrar-se no professor e, muitas vezes, o preconceito também vem através de colegas (Luis DE SOUZA, 2020).

As aulas de Educação Física escolar podem fazer muita diferença para meninas e meninos, principalmente para aqueles que não vivenciam momentos de prática esportiva fora da escola, pois oportuniza a eles uma alfabetização esportiva (Valter BRACHT; Felipe ALMEIDA, 2013). Porém, além de desenvolver a prática esportiva, cabe a escola e aos professores de Educação Física atuarem para a mudança nas formas de abordar certos assuntos, como as questões de gênero, por exemplo, buscando em suas intervenções formas de minimizar as práticas excludentes, possibilitando, assim, uma equidade entre os gêneros (FURLAN; DOS SANTOS, 2008).

Mesmo que a prática de atividades esportivas seja mais comum entre os meninos, não podemos desprezar a prática do Futebol e de outros esportes entre as meninas. Hoje em dia, as meninas frequentam esses campos não só para assistir, mas, também como praticantes, buscando quebrar as hierarquias de gênero (Eustáquia SOUSA; ALTMANN, 1999).

A prática do Futsal escolar colabora tanto para o desenvolvimento dos aspectos psicomotores quanto para os aspectos sócio afetivos e cognitivos, desenvolvendo, através de sua prática em equipe, o respeito às regras e aos colegas, questões essas que são importantíssimas para a formação ética dos alunos (DE SOUZA, 2020). Ou seja, além de promover saúde através de atividades físicas e desenvolver aspectos motores das crianças e jovens, a prática do Futsal é capaz de formar cidadãos éticos e respeitosos, o que torna a modalidade uma prática importante para a evolução social e ética dos alunos.

O desencorajamento das meninas acontece com frequência nas aulas de Educação Física escolar. Muitas meninas no processo de aprendizado dos esportes na escola já possuem incertezas quanto a suas capacidades de realizar e aprender algum gesto e desistem antes mesmo de tentar. Com isso, vemos a importância do professor incentivar a prática para diminuir estas incertezas e aumentar o número de praticantes durante as aulas (Fabiano DEVIDE, 2005). Portanto, podemos destacar que devem ser feitas modificações e adaptações nas atividades com o objetivo de contemplar a heterogeneidade do grupo de alunos sempre que o professor perceber que houver algum afastamento dos alunos das atividades. Essa exclusão da atividade pode se dar por diferentes motivos, como o grau de habilidade, questões de gênero, classe social, entre outros. Então, cabe ao professor estar atento e identificar quais são essas questões para intervir e sugerir alternativas que possam ser construídas em conjunto com os alunos. Fazendo com que os alunos se sintam acolhidos e queiram participar das atividades desenvolvidas em aula (DARIDO, 2002).

Ao ensinar esportes coletivos às meninas, os professores conseguem proporcionar diversas experiências com o corpo e de gênero através da Educação Física escolar (FERNANDES; ALTMANN, 2020). A boa aceitação da prática do Futebol por parte de algumas meninas revela que os meios educacionais podem ter muitos benefícios, principalmente, se utilizarem questões voltadas à prática da modalidade para discutir temas como a relação de gênero presentes em nossa sociedade e, assim, participar de forma efetiva da formação dos cidadãos (DE SOUZA JUNIOR; DARIDO, 2002).

METODOLOGIA

O presente estudo segue um paradigma qualitativo. A pesquisa qualitativa compreende um conjunto de técnicas interpretativas que têm como objetivo descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados (José NEVES, 1996).

Os critérios de inclusão escolhidos para participar da pesquisa foram mulheres adultas de 18 a 32 anos de idade, que tenham tido contato com aulas de Futebol/Futsal nas aulas de Educação Física escolar e que atualmente não tenham ligação com as referidas modalidades.

Foram definidos como critérios de exclusão mulheres atletas de Futebol/Futsal e mulheres que praticam essas modalidades como atividade de lazer e mulheres que tiveram aulas de Educação Física de forma separada dos meninos na escola.

Foram feitas entrevistas com dezoito mulheres². Devido a pandemia de Covid-19, as entrevistas foram realizadas e gravadas de forma remota, através da plataforma Google Meet.

A metodologia está apoiada na História Oral, que concebe um olhar crítico sobre acontecimentos do passado, operando com a lógica do passado no presente imediato. Nesse sentido, a história contada não necessariamente foi a história vivida, mas sim um registro de fatos vividos (Lucília DELGADO, 2017). Para a coleta dos dados, será utilizado como base o Manual Básico do Projeto Garimpando Memórias, que adota os seguintes procedimentos: identificação das mulheres a serem entrevistadas, criação do roteiro de entrevistas, realização das entrevistas com a gravação digital, o processamento da entrevista através da transcrição, o copidesque, que consiste em uma revisão do texto, tendo em vista correções gramaticais e ortográficas e uma leitura final para revisão (CEME, 2017).

Para a análise dos dados foi realizado um ciclo de cinco fases, sendo elas, a compilação da base de dados, a decomposição dos dados, a recomposição dos dados, a interpretação dos dados e a conclusão. A compilação se refere à base de dados, a decomposição é a fase onde o compilado é fragmentado em partes menores, a recomposição é feita através de aglomerações de dados, para que se possa reorganizar os fragmentos em grupamentos e sequências, a interpretação dos dados envolve o uso do material decomposto previamente para criar uma nova narrativa e, por fim, a conclusão, onde se exige que seja feita uma extração das conclusões de todo o estudo, estando elas relacionadas a todas as fases anteriores do ciclo (Robert YIN, 2016).

RESISTÊNCIA POR PARTE DOS MENINOS

Historicamente, as aulas de Educação Física sempre tiveram divisões sexistas, determinando o que era papel dos meninos e o que era papel das meninas. Essas questões podem ter influenciado os meninos a excluírem as meninas das aulas de Futebol, por acharem que esse é um ambiente somente deles (DE SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2002).

A resistência por parte dos meninos para que as meninas não participassem das aulas de Futebol foi uma questão muito presente nos depoimentos das entrevistadas. De acordo com Gabriela:

Os meninos queriam a quadra só pra eles, ou então não queriam dividir e fazer com que se fosse misto, então tinha bastante resistência. Normalmente, os meninos queriam só eles jogando na quadra e, geralmente, até desprezavam o talento que as meninas também tinham pro futebol.

Nesse sentido, é necessário que os professores interfiram na fala e atitude dos meninos, além de mostrar que as meninas devem ter espaços iguais para praticar o Futebol nas aulas, rompendo, assim, as barreiras de sexismo presentes nas aulas (Deisiane LIMA, 2017).

² A fim de preservar a identidade das colaboradoras foi dado nomes fictícios a cada uma.

Quando os professores tentavam incentivar e incluir as meninas nas aulas de Futebol, muitas vezes, os meninos não gostavam da ideia e interferiam na aula fazendo com que as meninas não jogassem, como destacou a entrevistada Mirian:

O professor tentou incentivar 'vamos fazer só as gurias jogam' ou 'vamos fazer um time misto' e aí o pessoal que geralmente jogava, que tava acostumado com aquele esquema antigo, não gostou, ficou botando empecilhos, fez cara feia, então isso acabou não evoluindo, não foi pra frente, porque era uma situação bem confortável, sabe?

Esses conflitos entre meninos e meninas podem ser utilizados como um objeto de intervenção pedagógica, onde se dá espaço para que se tenham debates, trocas de experiências entre os alunos, fazendo com eles passem a entender e respeitar as diferenças e dificuldades uns dos outros (ALTMANN; Eliana AYOUB; Silvia AMARAL, 2011). A partir do momento em que os professores simplesmente evitam falar sobre essas questões de diversidade e sobre os conflitos que acabam acontecendo em decorrência delas, eles podem acabar contribuindo para que falas e atitudes preconceituosas continuem sendo propagadas, ou seja, é necessário que os professores percebam e enfrentem esses conflitos para diminuir os episódios de discriminação entre os alunos, sendo esse um importantíssimo desafio para os educadores (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011).

Os esportes, incluindo o Futebol, são comumente considerados uma forma dos meninos exercerem seus papéis de hierarquia na escola, enquanto as meninas praticavam e tentavam ganhar seus espaços nas aulas através de outras atividades (ALTMANN, 1998). Nesse sentido, os educadores têm um papel importantíssimo de organizar a turma e as aulas, fazendo com que todos tenham a oportunidade de participar das atividades. Não é porque os meninos querem utilizar a quadra que as meninas não podem usar também, o professor precisa achar meios de incluir todos nas aulas. As meninas precisam de oportunidades e espaços nas aulas para que possam praticar e aprender a jogar, pois sem a prática elas não vão conseguir desenvolver as habilidades necessárias para jogar Futebol, seja somente entre elas ou misturadas com os meninos.

O preconceito também foi algo muito relatado pelas entrevistadas. A colaboradora Gabriela cita esse fato:

Algumas colegas que gostavam muito de jogar futebol e elas eram consideradas como masculinas e fora do que é considerado normal para sociedade e geralmente acabavam sofrendo muito preconceito e os meninos não gostavam de compartilhar a quadra com elas e nem gostavam de deixar elas terem um jogo de futebol feminino, nem de ter futebol misto, porque sempre tem aquela ideia de que a menina joga pior e que vai acabar prejudicando o time.

Essa visão de que o Futebol é um esporte voltado à virilidade e, conseqüentemente, é considerado masculino pode ser observada claramente no decreto que proibia as mulheres de praticar determinados esportes, incluindo o Futebol, com o argumento de que a modalidade prejudicaria a maternidade e era violento para a natureza das mulheres (GOELLNER, 2005). Além disso, as mulheres que praticavam frequentemente tinham sua sexualidade colocada sob suspeita. (FURLAN; DOS SANTOS, 2008). Segundo Kátia:

Muitas das meninas que queriam espaço pra jogar e reclamavam por isso, pra ter espaço pra jogar; elas eram chamadas de machorras, de sapatão por reivindicar um esporte que seria supostamente masculino.

É comum ouvirmos opiniões e visões estereotipadas quando se trata das mulheres que praticam Futebol. Além disso, as dúvidas quanto ao gênero das mulheres jogadoras de Futebol e os rótulos que elas recebem auxiliam para que se mantenham os padrões de hétero cisnormatividade, gerando, assim, mais preconceitos às mulheres que praticam Futebol (Valleria DE OLIVEIRA; Dulce ALMEIDA, 2018).

O processo cultural no qual estamos inseridos, muitas vezes, acaba reforçando preconceitos. Podemos perceber isso a partir do momento em que o Futebol não costuma ser oferecido para as meninas desde cedo, podendo fazer com que elas não se sintam à vontade e nem motivadas a praticar a atividade futuramente nas aulas de Educação Física na escola, pois os meninos, muitas vezes, já chegam ocupando esses espaços da aula (DE SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2002).

Existem muitas formas de se abordar o Futebol sem excluir as meninas e, principalmente, incentivando elas a gostarem da modalidade. Uma boa forma é começar explicando as questões culturais de nosso país, falando, também, sobre o decreto que proibia a prática de Futebol pelas mulheres, depois sobre a regulamentação, mostrando o caminho que essas mulheres tiveram que percorrer para chegar onde estão hoje, dar exemplos de jogadoras, técnicas e árbitras mulheres, mostrando que as meninas podem e devem ocupar esses espaços. Destaco aqui a fala da entrevistada Gabriela, que fala da falta que fez para seu desenvolvimento o fato de não ter sido abordado tais temas:

Acho que, principalmente, porque o professor acaba abordando numa perspectiva muito dos homens e talvez pela perspectiva feminina de demonstrar que sim, é um esporte que pode ser tanto pra mulher quanto pra homens, talvez isso fizesse com que eu tivesse mais vontade e talvez tivesse mudado a minha relação com o futebol.

Como podemos perceber a forma com que o conteúdo é abordado tem muita relação com a vontade das meninas de participarem das atividades e, também, na relação delas com a modalidade. Para que se sintam à vontade em participar, elas precisam se sentir incluídas na prática, e através de explicações sobre a prática do Futebol de mulheres no Brasil e a luta dessas mulheres para ocuparem esse espaço, isso pode acabar se tornando possível.

DÉFICIT DE CONHECIMENTO

O Futebol, apesar de ser uma modalidade muito praticada no Brasil, ainda possui muitos empecilhos quando se fala da sua prática pelas mulheres. O incentivo dos professores nas escolas poderia ser algo que mudasse essa perspectiva, porém, normalmente, não é o que acontece nas aulas de Educação Física, ao menos de acordo com os depoimentos das entrevistadas. Os meninos acabam sendo mais favorecidos à prática e as meninas deixadas de lado, os incentivos a elas normalmente não existem e aulas voltadas a ensinar o Futebol às garotas também são raras. Segundo Luiza:

A professora de educação física [...] deixava a bola no pátio e quem queria jogar jogava e quem não queria não jogava, geralmente quem jogava era os guris né, e os guris já jogam desde sempre já sabem jogar então a gente meio que não tinha nem oportunidade de aprender a jogar porque eles estavam sempre na quadra e a gente só ia atrapalhar.

A falta de incentivo e, também, a falta de aulas voltadas a ensinar a dinâmica do Futebol, ensinar seus fundamentos, assim como suas regras fazia com que as meninas não aprendessem a jogar e se sentissem constrangidas quando tentavam, pois pensavam que

estariam atrapalhando os demais que já sabiam e já se destacavam na modalidade. Destaco aqui o caso da colaboradora Tiffany:

Olha, não participava primeiro porque eu não tenho muito jeito pra essas coisas e como não foi algo incentivado e nunca teve ninguém com paciência também pra ensinar como é que faz o passe correto e essas coisas assim, então eu não me sentia confortável.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) as aulas de Educação Física devem abranger todos os alunos, diminuindo as desigualdades corporais entre os mais habilidosos e os menos habilidosos:

A sistematização dos objetivos, conteúdos, processos de ensino e aprendizagem e avaliação, têm como meta a inclusão do aluno na cultura corporal de movimentos, por meio da participação e reflexão concretas e efetivas. Busca-se reverter o quadro histórico de seleção entre indivíduos aptos e inaptos para as práticas corporais, resultante da valorização exacerbada do desempenho e da eficiência (BRASIL, 1998, p.19).

Porém, de acordo com os relatos das depoentes, não é o que acontece nas aulas voltadas ao Futebol. Foi possível perceber que a lacuna de conhecimento do Futebol que poderia e deveria ser diminuída nas aulas de Educação Física, muitas vezes, acaba se tornando ainda maior. As meninas que não sabem jogar e não entendem a dinâmica do jogo continuam sem jogar e os alunos que já sabem jogar acabam ocupando mais ainda os espaços das aulas. Isso pode ser percebido na fala da entrevistada Gabriela:

Eu acabava não jogando, principalmente, por não ter aptidão para esportes. Num geral eu tenho bastante dificuldades com esportes e com o futebol não era diferente. Mas, também, em nenhum momento eu fui incentivada a tentar mudar essa perspectiva em mim, de tentar o professor me ajudar nisso, porque às vezes não é só uma aptidão que tu tenha de nascença, questão genética, muitas vezes está em como tu faz aquele exercício de forma repetitiva que tu vai aprendendo e vai ganhando uma desenvoltura melhor, então isso também não foi exercitado na minha escola, os professores não nos davam incentivo a tentar, geralmente quando a gente dizia pro professor que não queria tentar eles nos deixavam ficar sentadas e não fazer, então era mais nesse sentido.

Quando um professor simplesmente deixa as meninas ficarem sentadas durante as aulas, ao invés de ensinar e incentivá-las a jogar, ele está afirmando que a participação delas é irrelevante. As aulas de Futebol devem ser voltadas ao ensino e a prática da modalidade para todos os alunos, assim como se ensina a tabuada nas aulas de matemática, deveria-se ensinar Futebol nas aulas de Educação Física, o conteúdo Futebol deveria ser respeitado e ensinado como os demais de outras disciplinas (Luiz ALMEIDA, 2014). Porém, infelizmente, nas aulas de Educação Física isso não acontece e podemos perceber isso na fala das meninas quando se trata da falta de atividades voltadas a ensinar o Futebol nas aulas.

Porém, quando se fala de outros esportes a dinâmica muda. Se as meninas eram pouco incentivadas pelos professores a jogarem Futebol, quando se fala do vôlei, por exemplo, foi possível perceber que existiam mais estímulos por parte dos professores. A partir do depoimento da depoente Patrícia, acerca de outros conteúdos, foi relatado que eram produzidas aulas mais didáticas, ensinando os fundamentos da modalidade, fazendo com que as meninas desenvolvessem mais interesse e aptidão para o esporte:

Eu fiquei pensando agora, e assim, pra quem já não é o melhor da turma, quem já tá desmotivado, também era ruim o momento de escolher os times, então normalmente eu ficava por último né, porque eu era o resto, então eu já não tinha vontade e aquilo ali me desmotivava mais ainda. Isso pesa, de certa forma pra quem é o aluno né, então qual era minha motivação pra tentar me esforçar pra um jogo assim? Já com o vôlei a minha relação era totalmente diferente, porque eu sempre me destaquei, joguei JERGS e as aulas também eram totalmente diferentes, tinha sim bastante jogo por jogo, mas a gente aprendia novas rotações, a gente treinava as transições, treinava saque, então eu conseguia ver os meus avanços e aprimorando técnicas, então fazia muito mais sentido pra mim, então eu jogava com muito mais fervor, por exemplo, já no futebol isso não acontecia e até hoje eu não sei se acontece, então treinar drible, por exemplo, é uma coisa que eu nunca fiz na vida então como é que eu vou saber driblar alguém se eu nunca pratiquei isso, então sempre era os que eram ruins continuavam ruins e os que eram bons e tinham mais facilidade acabavam se destacando.

Ou seja, o fato das aulas de voleibol serem mais didáticas as meninas, muitas vezes, se sentiam mais à vontade para participar, pois mesmo que não soubessem jogar, previamente haviam aulas para ensinar a jogar a modalidade, enquanto, por muitas vezes, as aulas de Futebol não possuíam essas questões didáticas, fazendo com que quem não tivesse conhecimento prévio não tivesse vontade de participar das aulas.

Além disso, quando se fala no ambiente escolar, não se pode esquecer que, muitas vezes, é um local onde se produz e reproduz desigualdades e distinções por hierarquias. Através de algumas situações acaba demarcando e separando o que é função dos meninos e o que é função das meninas (FURLAN; DOS SANTOS, 2008). Na Educação Física essas questões são muito visíveis, muitas vezes as meninas não são incentivadas a jogar Futebol por ser um esporte que demanda um conjunto de aptidões físicas consideradas socialmente masculinas.

As meninas relataram sentirem certo constrangimento em jogar, pois não sabiam, não eram ensinadas e tinham vergonha de pedir ajuda para aprender. A colaboradora Mirian destaca esse fato:

Porque eu não tinha muita habilidade, então eu tinha uma certa vergonha de pedir pra jogar, já que o pessoal que geralmente jogava, jogava bem, já entendia das regras, enfim, então pra mim era uma limitação isso, dizer 'por favor, me ensinam'.

Isso mostra um certo abandono por parte dos professores em relação às meninas nas aulas de Futebol, pois abordam o tema como se todos os alunos da turma já tivessem conhecimento e habilidade para a modalidade, quando na verdade, na maioria das vezes, alguns alunos, principalmente as meninas, não tiveram oportunidade de aprender as técnicas e fundamentos do esporte previamente, como acontece com grande parte dos meninos.

Quando um professor toma como ensinada a matéria Futebol, sendo que apenas libera a bola para quem quiser jogar, acabam sendo excluídas as alunas que não tiveram a vivência do Futebol fora da escola. Infelizmente, essa prática é muito comum entre os professores e pode ser percebida em muitas falas das entrevistadas, trago como exemplo o relato da Kátia:

A maioria das aulas eram só largar a bola e a gente jogar, mas poucas das que a gente teve focada assim, a gente teve realmente a apresentação das regras e utilização das técnicas de jogo. Muitas poucas vezes tivemos times pra jogar né, que o perfil feminino podia jogar, mas a gente tinha que lutar por um lugarzinho pra jogar nas aulas.

Ou seja, além de não terem aulas explicativas sobre a modalidade, quando tinham aulas para que todos pudessem jogar, as meninas não tinham espaço, acabavam tendo que

deixar os mais habilidosos jogarem ou, então, bater de frente com os garotos para que pudessem ter espaço para participar da prática.

Algumas meninas relataram que não sentiam-se confortáveis para participar das aulas porque não tinham habilidade, além disso, comentaram que os professores, muitas vezes, não davam a devida atenção aos menos habilidosos, como podemos ver no relato da Roberta:

Porque eu sentia que só os habilidosos eram os queridos pelos professores, sabe? Então eu evitava participar porque eu sabia que eu não tinha habilidade.

Historicamente, se tinha ideia de que as diferenças de habilidades eram inatas aos seres humanos, tendo como razões biológicas as diferenças entre meninos e meninas, porém, atualmente, já se tem noção de que essas diferenças estão atribuídas às questões de gênero e que são socialmente construídas quando, por exemplo, desde criança se ensina os meninos a jogarem bola e as meninas a brincarem de boneca, tendo influência no desenvolvimento motor das crianças e, futuramente, acaba influenciando na sua participação nas aulas de Educação Física na escola (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011).

Nesse sentido, é importante pensarmos que se deve buscar uma igualdade de oportunidades para as meninas e os meninos nas aulas de Educação Física, sempre valorizando as habilidades de cada um e incentivando o desenvolvimento dos demais e incluindo todos nas atividades a serem desenvolvidas (FURLAN; DOS SANTOS, 2008). Além disso, é necessário abordar o tema nas aulas de forma com que todos tenham chances de aprender, sendo importante abordar desde as questões mais básicas do conteúdo, pois nem todos os alunos tiveram um contato prévio com a modalidade antes da escola. Quando se trata dos esportes, eles devem ser abordados de forma abrangente fazendo com que todos possam participar e não somente os mais habilidosos (Kátia RUBIO, 2009). Ou seja, é necessário, para que haja inclusão de todos os alunos, que as questões históricas, regras, fundamentos, tática e técnicas sejam abordadas de forma didática para que todos tenham chances de aprender e não apenas o jogo em si, como normalmente acontece, pois esse modelo de abordagem acaba por favorecer aqueles mais habilidosos e/ou que já tenham algum conhecimento prévio do esporte.

Portanto, essa lacuna de conhecimento que existe entre os menos habilidosos deve ser diminuída através das aulas, onde os professores precisam abordar o assunto de forma mais didática, clara e abrangente, desenvolvendo melhor os temas, questões práticas, teóricas e culturais do Futebol, fazendo com que aqueles que não possuem o conhecimento prévio sobre a modalidade, tenham a oportunidade de conhecer e entender as regras, conseguir praticar os fundamentos básicos do Futebol, além de dar a oportunidade e incentivar que todos joguem.

A falta do desenvolvimento abrangente do conteúdo Futebol na escola faz com que muitas mulheres não tenham afinidade com a modalidade no futuro. Isso pode ser percebido, pois as entrevistadas relataram não ter relações com o Futebol no momento, mesmo tendo passado anos de suas aulas de Futebol na escola. A colaboradora Roberta deixa essa questão muito clara em sua fala:

Não torço pra nenhum time, não sei as regras, nunca joguei e se me convidam pra jogar eu não jogo porque eu sinto que eu não sei jogar.

O fato de não saber as regras e sentir que não sabe jogar Futebol mostra que essa lacuna de conhecimento que deveria ter sido diminuída nas aulas, na verdade, não foi diminuída. Essa questão, infelizmente, é muito comum, o que faz com que muitas mulheres não se sintam à vontade para falar, assistir, torcer e se envolver com o Futebol, fazendo com

que o estereótipo de que o Futebol é um esporte masculino continue enraizado e permaneça por ainda mais tempo em nossa sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura do Futebol em nosso país ainda é muito voltada ao público masculino, podemos perceber isso quando os meninos, desde muito pequenos, ganham bola como brinquedo e são incentivados a praticar Futebol, enquanto muitas meninas vão ter esse primeiro contato apenas nas aulas de Educação Física escolar, o que faz com que as meninas tenham um déficit de conhecimento na modalidade.

Foram entrevistadas mulheres de diferentes idades, de diferentes cidades, que vivenciaram diferentes realidades, diferentes escolas e, mesmo assim, foram muitas os depoimentos referentes a essa lacuna de conhecimento do Futebol, onde os mais habilidosos jogavam e os que não eram considerados habilidosos acabavam só assistindo ou fazendo alguma outra atividade que não era voltada à modalidade.

A falta de incentivo dos professores juntamente com a resistência por parte dos meninos faz com que a lacuna de conhecimento do Futebol entre as meninas, que era pra ser diminuída nas aulas, se mantenha. A partir do momento em que os professores negligenciam o conteúdo Futebol, apenas entregando a bola para que todos joguem, os meninos acabam se sentindo confortáveis para jogar, enquanto as meninas não têm espaços na quadra, pois não possuem conhecimento prático sobre a modalidade, sentindo-se assim constrangidas em jogar por acharem que estão atrapalhando o jogo dos meninos.

Cabe aos professores ministrarem aulas que incluam as meninas, desenvolvendo atividades com prática dos fundamentos da modalidade e aulas sobre regras, diminuindo, assim, essa lacuna de conhecimento. Além disso, é necessário que se priorize uma abordagem pedagógica que não exclua os menos habilidosos, gerando debates e trocas de experiências entre os alunos, reduzindo os casos de exclusões e preconceito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Luiz Fernando de Carvalho. O futebol na escola: reflexões sobre as metodologias de ensino de futebol. 2014.

ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Silvia Cristina Franco. Gênero na prática docente em educação física: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar"?. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, p. 491-501, 2011.

ALTMANN, Helena. Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física. 1998.

BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe. Esporte, escola e a tensão que os megaeventos esportivos trazem para a Educação Física Escolar. **Em Aberto**, v. 26, n. 89, 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CEME. Projeto Garimpendo Memórias, **Manual Básico**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte - ESEFID/UFRGS, 2017.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral-memória, tempo, identidades.** autêntica, 2017.

DARIDO, Suraya Cristina. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. **Motriz**, v. 8, n. 2, p. 43-49, 2002.

DE OLIVEIRA, Valleria Araujo; DE ALMEIDA, Dulce Maria Filgueira. Representações e identidades de gênero: “ser mulher” no campo de futebol. **Corpoconsciência**, p. 100-109, 2018.

DE SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira; DARIDO, Suraya Cristina. A prática do futebol feminino no ensino fundamental. **Motriz**, v. 8, n. 1, p. 1-9, 2002.

DE SOUZA, Luiz Carlos Gomes et al. Futsal escolar: As barreiras do Sexismo feminino. **Educação Básica: Novas perspectivas no processo de ensino-aprendizagem da educação física escolar**, p. 22, 2020.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos.** Editora Unijuí, 2005.

FERNANDES, Simone Cecilia; ALTMANN, Helena. A educação esportiva e gênero na escola pública: posicionamento docente positivo diante do fazer. **Gênero e sexualidade no esporte e na educação física**, p. 31, 2020.

FURLAN, Cássia Cristina; DOS SANTOS, Patrícia Lessa. Futebol feminino e as barreiras do sexismo nas escolas: reflexões acerca da invisibilidade. **Motrivivência**, n. 30, p. 28-43, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**, v. 27, 2021.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

LIMA, Deisiane Ribeiro. A participação feminina no futebol nas aulas de Educação Física Escolar: Por quê não?. 2017.

MEYER, Dagmar Estermann; DOS SANTOS SILVA, André Luiz. Gênero, cultura e lazer: potências e desafios dessa articulação. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 2, p. 480-502, 2020.

MEYER, Dagmar Estermann. Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 57, p. 13-18, 2004.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração, São Paulo**, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

RUBIO, Dr^a Katia. Esporte e juventude: privilégio ou direito? De todos ou dos habilidosos?. **Brenda Espindula (org.)**, p. 11, 2009.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, v. 19, p. 52-68, 1999.

VIANA, Aline Edwiges S.; ALTMANN, Helena. Meninas e meninos em campo: experiências com o jogo em uma escola de futebol. **Revista Mineira de Educação Física**, v. 23, n. 1, p. 113-122, 2015.

VIANA, Aline Edwiges. Futebol: das questões de gênero à prática pedagógica. **Conexões**, v. 6, p. 640-648, 2008.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Penso Editora, 2016.

		para que as meninas não participassem das atividades voltadas à modalidade?
--	--	---

ANEXO II - Entrevista

- Como é sua relação com o Futebol hoje?
- Como eram as aulas de Educação Física voltadas ao Futebol/Futsal na sua escola?
- No seu ponto de vista, o professor dava muita ou pouca aula de Futebol/Futsal?
- Você acha que a forma que o Futebol/Futsal foi abordada pelo professor pode ter interferido na sua relação com a modalidade?
- Por que você não participava das aulas voltadas a essa modalidade?
- Você acha que as meninas que participavam das aulas de Futebol/Futsal sofriam algum tipo de preconceito?
- Existia alguma resistência por parte dos meninos para que as meninas não participassem das atividades voltadas à modalidade?